

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
NÚCLEO DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SUBJETIVIDADES  
Projeto Outros olhares sobre a História da Antropologia  
(2020-2021) (PIBIC-CNPq)

Bolsista: Pollianna Aparecida Alessio (UFSC)

Orientadora: Miriam Pillar Grossi (UFSC)<sup>1</sup>

**Relatório Final:**

**História da antropologia na UFSC a partir da vivência e visão feminina**

**RESUMO**

A pesquisa foi realizada no quadro do projeto “Outros olhares sobre a História da Antropologia” desenvolvido pela professora Miriam Pillar Grossi. Teve como foco a escuta de professoras que trabalharam na área de ensino da antropologia da UFSC e foi realizada entre setembro de 2020 e agosto de 2021. No decorrer de um ano de pesquisa, entrevistamos professoras aposentadas do departamento de antropologia, dando a oportunidade de contarem suas histórias como docentes e pesquisadoras e também sobre suas vidas pessoais. Por conta da pandemia de COVID-19, efetuamos entrevistas online, através de vídeo conferências. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas e permanecerão nos arquivos do projeto *Outros Olhares*, no NIGS para futuras pesquisas e como memória da antropologia na UFSC. Constatamos que a vida acadêmica teve um grande impacto na história de vida dessas mulheres antropólogas. Muitas delas consideradas positivas, como o crescimento intelectual, a criação de grupos de estudo, reconhecimento pelos seus trabalhos acadêmicos, o papel na criação do departamento e no desenvolvimento da antropologia na UFSC. No entanto, também relataram algumas mais dolorosas, principalmente no âmbito pessoal, como a interferência na vida familiar, distanciamento dos filhos por conta da realização de pesquisa de campo e da participação em congressos.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Antropologia, Mulheres antropólogas, Gênero

---

<sup>1</sup> Co-orientação da pós-doutoranda Barbara Michele Amorim (PPGICH UFSC).

## INTRODUÇÃO

A história oficial da antropologia<sup>2</sup> em Santa Catarina inicia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 1960, com a criação desta universidade, que teve como objetivo incorporar a antiga Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF).

No entanto, a antropologia já era praticada de maneira regular desde a instalação da FCF em Santa Catarina (COELHO, 2006). Segundo Amurabi Oliveira (2018), a antropologia já era um dos cursos dessa instituição: “Encontramos entre os primeiros cursos criados pela FCF cátedras de sociologia, junto ao curso de filosofia, de antropologia cultural, junto aos cursos de história e geografia, de antropologia física no curso de geografia, e de etnografia do Brasil no curso de história” (2018, p.120). Segundo o autor, encontra-se aí o “gérmen”, para o desenvolvimento da graduação em Ciências Sociais, em 1970 na UFSC.

O segundo marco na constituição desse campo científico na UFSC foi a criação do Instituto de Antropologia no ano de 1968, que tinha como intuito a preservação do patrimônio arqueológico e histórico de Santa Catarina. Porém, em 1970, durante a reforma universitária que ocorreu no período da ditadura militar, o instituto foi transformado em museu. Segundo Sílvio Coelho dos Santos:

O Instituto de Antropologia foi inaugurado em 1968 por Oswaldo Cabral, portanto foram apenas dois anos de atividades que antecederam sua transformação em museu e sua descaracterização enquanto um locus de pesquisa e ensino no campo antropológico. Todavia, esse pouco tempo de atividades foi suficiente para que o Instituto fosse reconhecido como “[...]a vanguarda em termos de ensino, pesquisa e extensão na área de Ciências Humanas e, quiçá, na própria Universidade. Era uma organização-modelo e podia rivalizar com outras organizações congêneres existentes no País” (2006, p. 36).

Essa reforma acabou também dando origem ao Centro de Estudos Básicos, que, segundo Sílvio Coelho dos Santos (2006), era responsável pelo ensino das disciplinas consideradas fundamentais em quatro grandes áreas de ensino. Desta forma o departamento de Sociologia foi responsável por uma das áreas, oferecendo disciplinas dentro do chamado *curso básico*. Isto levou os docentes do Museu de Antropologia a irem para o então Departamento de Sociologia (que abrangia sociologia e antropologia) e acarretou a transformação da antropologia em uma disciplina do departamento, que passou a ser oferecida para outros cursos.

No ano de 1972, o departamento criou o curso de Estudos Sociais, que em 1975 se transformou em Ciências Sociais (OLIVEIRA, 2019). Somente no ano de 1996 é que “foi criado o Departamento de Antropologia através da Resolução

---

<sup>2</sup> No vídeo História da Antropologia em Santa Catarina produzido pelo NIGS e NAVI audiovisual, temos três professoras que contam a história de formação da antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Link para acesso: [\(1065\) A História da Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina - YouTube](#)

04/CUn/96 de 27 de fevereiro de 1996” (COELHO, 2006, p.63) a partir do desmembramento do então Departamento de Ciências Sociais em dois departamentos: Antropologia e Sociologia e Ciência Política.

Visando contribuir para a história da antropologia em Santa Catarina, este texto busca trazer como foco a trajetória do ensino de antropologia na UFSC, a partir das falas das professoras mulheres pioneiras no ensino de antropologia da universidade. O texto tem por objetivo também dar visibilidade às trajetórias de vida destas pesquisadoras, refletindo como o meio acadêmico interferiu nessas.

O foco de nossa pesquisa foi pensar sobre como a questão de gênero está presente neste universo científico, entendendo gênero como uma “categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual” (GROSSI, 1998, p. 5). Procuramos dar visibilidade às trajetórias dessas professora aposentadas, através de entrevistas, que permitiram “o poder de se fazer ouvir”<sup>3</sup>. Consideramos que tiveram grandes contribuições no campo antropológico, mas que muitas vezes não foram reconhecidas pelo fato de serem mulheres.

Este estudo faz parte da pesquisa “Outros olhares sobre a História da Antropologia”, que por sua vez faz parte da linha de pesquisa sobre a História da Antropologia, “desenvolvida há mais de duas décadas em pesquisas desenvolvidas em projetos PQ CNPq e de estudantes vinculadas/os ao NIGS-UFSC sobre mulheres antropólogas, campo da antropologia no Brasil e antropologias do sul global” (PROJETO PIBIC NIGS-UFSC 2020/2021 - Outros olhares sobre a História da Antropologia).

No livro “Teoria feminista e produção de conhecimento situado: ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias”, publicado no ano de 2020, pelas organizadoras Miriam Pillar Grossi e Caterina Alessandra Rea, alguns dos capítulos de livros nos mostram os resultados alcançados dessas pesquisas sobre a história da antropologia, a partir da vivência de mulheres nesse campo.

No capítulo “Ensinar Antropologia em outros tempos: as mulheres e as configurações do mundo acadêmico”, Candice Vidal e Souza trabalha com as histórias de pesquisadoras antropólogas que entrelaçam a carreira universitária com o universo doméstico-familiar. Segundo ela, “A pesquisa que apresento neste trabalho considera os percursos de aprendizagem e profissionalização de mulheres atuantes em várias universidades brasileiras, compreendidos como arranjos de possibilidades e constrangimentos dados por sua vida pessoal, familiar e pelas condições das carreiras acadêmicas em seu tempo e lugar” (SOUZA, 2020, p.10).

Baseada neste trabalho, as principais questões que nortearam minha pesquisa foram: quem são as mulheres que fizeram parte do desmembramento do

---

<sup>3</sup> A frase “o poder de se fazer ouvir”, foi trazida pela professora e escritora Conceição Evaristo, na conferência “Clamar no deserto: entre o poder falar e o poder de se fazer ouvir”, no Fazendo Gênero 12. Confirme acessando o link: [\(1011\) \[Conferência\] Clamar no deserto: entre o poder falar e o poder de se fazer ouvir - YouTube](#)

departamento de Ciências Sociais e ajudaram a criar o departamento de Antropologia na UFSC? Qual o papel delas na graduação e pós-graduação? Como foram suas trajetórias de vida? Como sua história de vida acadêmica se entrelaça com a sua história de vida pessoal? E quais foram as principais dificuldades encontradas em suas trajetórias acadêmicas?

## MATERIAL E MÉTODOS

Para desenvolver nossa pesquisa<sup>4</sup> foram utilizadas diversas técnicas e métodos, que nos levaram a conhecer e construir conjuntamente com as professoras as suas histórias de vida, através de suas memórias. Como nos mostra Maurice Halbwachs (2013), para recordar um evento passado, não é necessário apenas que outra pessoa cite ele, é preciso também que o indivíduo traga consigo “resquícios” dos momentos para se tornar em lembranças. Nas memórias das professoras aposentadas escutamos sobre o processo de formação da área de antropologia no Departamento de Ciências Sociais que levou à criação do Departamento de Antropologia em 1995, e posteriormente à criação do curso de Antropologia em 2010.

Começou-se a pesquisa com o levantamento das professoras de antropologia com foco naquelas que já tinham se aposentado até o ano de 2020.

Tabela com os nomes das professoras que atuaram na área de antropologia até o ano de 2020 e que já se encontram aposentadas do departamento de antropologia da UFSC:

<b>Professoras Aposentadas de Antropologia</b>	<b>Ano de ingresso como Docente</b>	<b>Ano de Aposentadoria</b>
Alicia Norma González de Castells	1988	2017
Anamaria Beck	x	1992
Aneliese Nacke	1981	x
Elsje Lagrou	1993	1999
Esther Jean Langdon	1983/1988	2014
Ilka Boaventura Leite	1986	2020
Maria Amélia Dickie	1978	2004
Maria José Reis	1971	1992
Maria Regina Azevedo Lisboa	1980	2014

<sup>4</sup> Essa pesquisa foi feita em conjunto com a pós-doutoranda Barbara Michele Amorim, que também está pesquisando sobre a trajetória de vida de professoras aposentadas do Curso de Ciências Sociais na UFSC.

Mariland Goulart	x	1992
Neusa Maria Sens Bloemer	1973	1989
Sônia Weidner Maluf	1986	2018

Tabela com os nomes das professoras de antropologia já aposentadas até o ano de 2020

Essa segunda tabela está com os nomes das atuais docentes da área de antropologia que ainda se encontram na instituição, organizados por ordem de entrada na universidade.

<b>Professoras que atuam no Departamento de Antropologia</b>	<b>Ano de ingresso como docente na UFSC</b>
Carmen Rial	1982
Miriam Pillar Grossi	1989
Antonella Tassinari	2000
Miriam Hartung	2004
Vânia Cardoso	2007
Edviges Ioris	2009
Evelyn Zea	2010
Maria Eugênia Dominguez	2011
Viviane Vedana	2015
Leticia Cesarino	2016
Flávia Medeiros	2019
Alinne Bonetti	2019
Alexandra Alencar	2021

Tabela com informações sobre as atuais docentes de antropologia da UFSC. Retirada do site do Departamento de Antropologia da UFSC.

Após essa busca das professoras de antropologia, o próximo passo foi ler os Currículos Lattes das professoras aposentadas e criar uma tabela, com alguns dados para melhor organização (nome, ano de entrada na UFSC, ano de aposentadoria, e e-mail).

Posteriormente começamos o contato com estas, através do correio eletrônico. Outra forma para encontrar algumas professoras, as mais antigas, foi através das redes de contato da professora Miriam Pillar Grossi. Também foram utilizadas as redes sociais para entrar em contato com algumas delas e a partir desses primeiros contatos marcamos as entrevistas.

A entrevista é essencialmente uma técnica para desvencilhar as perspectivas que existem sobre determinado assunto, ou pontos de vista sobre os fatos, além dos que o entrevistador espera, e também para conseguir dados que não conseguirá em outros instrumentos. Porém, deve se levar em consideração que “Trabalhando com estes instrumentos de pesquisa é bom lembrar que lidamos com o que o indivíduo deseja revelar, o que deseja ocultar e a imagem que quer projetar de si mesmo e de outros” (GOLDENBERG, 2004, p.85). Assim, o objetivo da investigação foi a vida e a visão de mundo das entrevistadas sobre determinado assunto, expondo suas experiências, idéias, valores e estrutura simbólica deste indivíduo.

Fizemos as entrevistas de forma online, por conta da realidade que se encontra a humanidade, a pandemia de COVID 19. Iniciamos com a utilização da técnica Bola de Neve (*snowball*), que segundo Víctora; Hassen; Knauth (2000), seria uma forma de os participantes iniciais indicarem novos participantes, que por sua vez, irão indicar outros, e assim sucessivamente. Na nossa pesquisa, a técnica foi utilizada com professoras já entrevistadas, solicitando contatos de números telefônicos, celulares, redes sociais, ou os e-mails atuais. Logo, após os primeiros contatos, iniciamos novas entrevistas através de plataformas de vídeo conferências.

A técnica de coleta de dados utilizada na nossa pesquisa foi a de história de vida, que “busca compreender o desenvolvimento da vida do sujeito investigado e traçar com ele uma biografia que descreva a sua trajetória até o momento atual” (Víctora; Hassen; Knauth, 2000, p.67). Porém, nesta pesquisa acabamos dando uma ênfase central sobre alguns temas voltados para as relações sociais que queríamos investigar: ser mulher, ser mãe e professora acadêmica; a transição do Departamento de Ciências Sociais para Antropologia, a vida dentro da UFSC e o período da ditadura.

Por conta das conversas terem sido de forma online, à distância, levamos a atenção em algumas questões que talvez poderiam comprometer os depoimentos: 1) o desconforto emocional e psicológico da entrevistada, levando-se em consideração a atualidade e a realidade que a pessoa estava passando; 2) o receio de compartilhar informações sobre a universidade, já que muitas entrevistadas poderiam censurar acontecimentos importantes com medo da forma de interpretação; e 3) o possível desconforto por ser uma entrevista a distância, e estar sendo gravada em áudio e vídeo.

As entrevistas foram feitas entre os meses de setembro de 2020 e julho de 2021, duravam em média de 45 minutos à 1h40 e são a base da nossa pesquisa.

A pedido das entrevistadas, que solicitaram para não serem identificadas, não usaremos os nomes, ou informações que possam sinalizar a identidades pessoais. Optamos por não identificar trechos de suas entrevistas, com exceção de uma professora entrevistada, Sônia Maluf, que pediu que seus direitos autorais fossem garantidos e em seu caso nos referimos diretamente com seu nome.

Devemos levar em consideração, que entrevistamos pesquisadoras, ou seja, elas sabem como se trabalha com entrevistas, por conta disso tivemos algumas

divergências durante as conversas com as pesquisadas. Como Elisete Schwade (2018) nos mostra que os “nativos” também decidem o que devemos ‘ouvir e observar’” (p.33), também nossas interlocutoras, as professoras que foram pesquisadoras, nos viam, nós as entrevistadoras como “Outros”, e nós como antropólogas, sabemos que para viver no espaço do outro, precisamos aceitar suas regras.

Por conta disso fizemos entrevistas semi-estruturadas, a partir de um roteiro, que estava aberto a alterações durante a entrevista<sup>5</sup>, o que possibilitou às professoras expressarem suas experiências livremente, porém a partir do foco de nossa pesquisa. A intenção foi oferecer uma certa liberdade às interlocutoras, e também garantir uma espontaneidade necessária para enriquecer a investigação.

O roteiro planejado foi desenvolvido tendo em vista responder aos objetivos do presente estudo e para isso, foi dividido em três partes centrais:

A primeira parte constituiu a história contada por essas professoras sobre o momento inicial de suas carreiras (para a maioria foi no período da ditadura militar no Brasil) e como esse momento histórico interferiu nas vidas, tanto pessoais, como profissionais dessas mulheres.

A segunda parte visou a vida acadêmica dentro da universidade. Esta análise foi dividida em duas partes centrais, uma sobre a criação do Departamento de Antropologia, e a outra sobre a questão profissional dentro da UFSC.

E por último, a terceira parte foi um conjunto de questões situadas em torno da vida pessoal da entrevistada, dividida em três blocos: 1) a sua infância, e as possíveis influências familiares em suas carreiras; 2) a constituição da sua própria família, e influência do seu(a) companheiro(a) em suas carreiras; e a 3) voltada para a maternidade, e as influências que sua vida profissional teve sobre sua trajetória de mãe.

Cabe ressaltar ainda, que tivemos diversos outros pontos abordados, pois, como já mostrado, nosso roteiro era aberto para mudanças. Nos fundamentamos em Mirian Goldenberg (2004), que diz que é possível ter uma visão sobre uma sociedade através de uma biografia, conhecer um contexto social partindo da especificidade de uma vida individual, onde “cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa de uma sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve” (p.36). Procuramos, com nossas entrevistas, mostrar essas leituras diferentes do ambiente universitário, o da docência de antropologia, porém, também nos debruçamos sobre como esta interferiu em suas vidas pessoais.

As entrevistas todas foram gravadas, transcritas na íntegra e, posteriormente submetidas à análises do conteúdo. Seguimos os princípios éticos da antropologia que estão explicitados no Código de Ética da ABA<sup>6</sup>, que tem por princípio o respeito

---

<sup>5</sup> Ao decorrer da pesquisa, acabamos no final mudando uma parte do roteiro das entrevistas, nas últimas conversas com as professoras, visto que nem sempre elas falavam livremente sobre o recorte que tínhamos nos proposto no início das entrevistas.

<sup>6</sup> Para acessar o Código de Ética da ABA basta entrar neste link disponível: [www.abant.org.br](http://www.abant.org.br).

aos indivíduos e as instituições envolvidas na pesquisa. E levando em conta que nossos dados em sua maioria foram obtidos de forma oral, assim como Roberto Cardoso de Oliveira (1998) nos mostra que a relação dialógica na antropologia procura um encontro entre iguais, na qual o antropólogo procura ouvir o outro. Acreditamos, como nos mostra Roberto Kant de Lima (2004), que nós pesquisadores/as, somos apenas interlocutores dessas falas e não produtores/as de verdades.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao procurarmos contar a história da Antropologia a partir das falas das professoras aposentadas que estiveram presentes na consolidação do ensino de antropologia na UFSC, acabamos também, abordando alguns outros assuntos como: família, conjugalidade, maternidade, pois estes estiveram presentes na vida dessas mulheres durante toda a sua vida acadêmica, ou seja, acabaram interferindo de diversas formas.

Por conta disso, decidimos dividir em tópicos a discussão, para haver uma incrementação antropológica sobre os determinados assuntos. Iremos iniciar com a questão da ditadura militar no Brasil, passaremos para a história da antropologia na universidade, após isso, a criação do Departamento de Antropologia e o impacto no convívio dos docentes, ser mulher na universidade e finalizaremos com as questões da vida familiar dessas mulheres.

Levando-se em consideração a preservação da identidade, as falas trazidas durante as entrevistas, não iremos identificá-las, e também estamos usando apenas algumas falas exemplares sobre os assuntos escolhidos, não se trata de características de todas as professoras.

### **A) A DITADURA MILITAR E SEU IMPACTO SOBRE A VIDA DAS ANTROPÓLOGAS**

Um dos principais momentos da história da antropologia na UFSC foi o período da ditadura militar. Ao serem questionadas sobre esse período histórico, tivemos diversos relatos de experiências, como alunas e como professoras da UFSC.

Houve quem não se recordava de ter vivido nenhum momento de constrangimento e violência. Já outras relataram a tensão vivenciada nas salas de aula durante esse período, como relatado em outras universidades, como salienta Amurabi Oliveira (2021), sobre a trajetória da professora Neusa Gusmão nos “anos de chumbo”, que também teve essa experiência de aflição, de ter infiltrado agentes do Serviço Nacional de Investigação nas salas de aula, tinham como intuito investigar os alunos e professores.

As professoras entrevistadas contaram que as falas precisavam ser auto-censuradas para não serem “deduradas” por pessoas que estavam nas salas

de aula apenas para acompanhar e relatar os acontecimentos aos militares. Uma delas conta:

*Nós tínhamos sempre sala cheia, em média 40 alunos, com uma diversidade de alunos. Nesse período as matrículas eram feitas, e depois de fechada a turma, se abria uma exceção e vinha mais um aluno para sala. Esse aluno invariavelmente sentava na primeira carteira, não faltava, não chegava tarde, e não saíria cedo, e ele ficava ali com o “gogó” em cima de você, e esse era o dedo duro, tudo que você dissesse que podia ser contra o sistema, evidentemente, que ele colocava no seu relatório.*

Segundo as entrevistadas, os antropólogos eram o grupo mais visado da universidade, pois eram vistos como “comunistas” dentro do Departamento de Ciências sociais que estava apoiando as reformas militares.

*Então porque eu era do grupo não bem querido, isto ficou evidente. E então a gente tinha que ter muito cuidado com o que se falasse nas reuniões; o que se falava entre os colegas; se mantinha uma certa distância.*

*O nosso departamento de ciências sociais, era comandado por pessoas vinculadas ao regime. Então havia um cerceamento, não de opiniões propriamente, mais até do que a gente ia ensinar, o que tornou a situação muito complicada para mim e para os outros antropólogos que estavam ali.*

Elas relatam que no período de ditadura tiveram vários colegas “desaparecidos”. E para se proteger, algumas professoras esconderam todos os seus livros “perigosos” em diferentes lugares, como conta uma delas:

*Eu tinha uma colega que era de outra região do Brasil, estagiária do museu. Ela morava numa casa ali na Carvoeira e atrás da casa tinha um vão alto de terra. Ela colocou dentro de uma mala os livros e depois debaixo da casa. Eu acabei levando os meus livros para casa dos meus pais.*

As professoras que ingressaram na universidade nesse período e que eram de fora, acabaram em alguns casos sendo tidas como “infiltradas”. Se tinha muito medo porque se sabia que a antropologia seria a primeira a ser atingida pelo Estado repressor, naquele período.

## **B) A VIDA DA DOCENTE ANTROPÓLOGA NA UNIVERSIDADE: ENSINO**

No início da formação da Universidade Federal de Santa Catarina, a antropologia não tinha um departamento específico ou um curso de graduação próprio. Uma das pioneiras, Alicia Castells conta, em seu memorial para concurso de titular, que a antropologia era uma disciplina que era dada em diversos cursos de graduação:

O fato de que a antropologia na UFSC nessa época tivesse como meta oferecer a disciplina de Antropologia Cultural para diversos cursos de graduação e

pósgraduação me permitiu interagir como docente nos seguintes cursos da graduação: **serviço social, medicina, odontologia, educação física, psicologia e agronomia** [...] Essa experiência como docente da Antropologia significou aprender a lidar com<sup>7</sup> a diferença. Embora todos os discentes fossem universitários, o fato de trabalhar com diferentes áreas disciplinares significava lidar com diferentes tipos de visões de mundo envolvendo diferentes preconceitos. ( CASTELLS, 2017, p.11-12)

Uma das graduações que tinha a disciplina de antropologia era a medicina, onde era dada no primeiro semestre. Segundo uma das entrevistadas, esta era uma das dificuldades do ensino de antropologia, pois os alunos acabavam de entrar e só queriam saber de experiências na área da saúde:

*Na medicina (a antropologia) não foi bem vista, quando eles incorporaram a no programa. Os professores de medicina não apoiaram. Como é que você vai pensar? Será que os alunos vão entender? E era no primeiro semestre, quando os alunos queriam ser cirurgiões, querem ficar ricos, estão pensando nas consultorias. E daí tem uma pessoa ensinando antropologia!*

Além disso, ela dava aula na sala de cirurgias, às oito horas da manhã. Quando ela chegava a sala já estava arrumada para a próxima aula; a mesa do professor cheia de instrumentos e materiais que chamavam a atenção dos alunos. E ela só desejava a atenção dos discentes: *“e eu só pedindo: olhem para mim”*.

A maioria das entrevistadas comentou que depois de algum tempo começaram a refletir e acabaram tirando as matérias de antropologia de outros cursos. Se o aluno desejasse, ele deveria vir para as disciplinas do departamento. E a forma que a área da antropologia era abordada variava conforme o docente. Segundo uma professora aposentada:

*Vamos pensar um pouco, qual é o papel da antropologia? Qual é o valor da antropologia? Porque as teorias antropológicas? Eu claro, mexo com isso, eu escrevo sobre isso. Mas, não é o importante. O que a pessoa da medicina quer? Que entendam a antropologia, porque eu quero entender o ser humano. Eu quero entender a diversidade, entender coisas sociais, mas eu não quero entender Lévi-Strauss.*

Para ela, os professores deveriam abordar de forma diferente os temas da antropologia em outros cursos, não como fazem nos cursos específicos dessas áreas, mostrando as escolas de pensamento antropológico. Eles deveriam abordar temas mais gerais como: Diversidade, Cultura, Gênero, entre outros. Mas, como nem todos tinham essa visão, as disciplinas da área de antropologia foram tiradas das outras graduações, pois não estavam sendo bem recebidas pelos alunos das demais áreas.

Mas a principal contribuição destas professoras se deu nos cursos de ciências sociais e antropologia da UFSC. Seja pela criação de optativas de diversas

---

<sup>7</sup> Grifos meus.

áreas, seja pelo campo do ensino em antropologia. Algumas professoras tentaram mudar a forma de ensinar nas graduações e uma delas nos contou que procurava levar os alunos em campo, para ter uma experiência etnográfica verdadeira. Segundo ela:

*Eu sempre saí. Eu fui uma das únicas professoras que já estava planejando a saída com os alunos. Há sempre uma saída possível, viável, nunca de ônibus. Eu sei que na arquitetura fazem isso muitas vezes. Mas eu não, eu ia em um shopping, ia na rua, ia na feira, ia no centro, sempre, sempre, sempre. [...] Então essas formas, essas vivências, podem ser na rua, podem ser em qualquer lugar. Poder ser em uma capital, pode ser em uma igreja. Mas isso foi muito importante. Depois, por exemplo, o estudo tinha de ter um relatório, não era brincadeira para o aluno, não: "O que eu vou relatar, o que eu vou contar, o que eu observei, falo do geral"*

Além de tentar tirar os alunos de dentro “das quatro paredes”, como o relato acima, as professoras procuravam facilitar a passagem do conhecimento para os discentes. Uma professora nos contou, que no primeiro momento procurou trabalhar com os Clássicos da área da disciplina trazendo para a realidade atual, fazer os alunos refletirem nessa comparação. Segundo ela:

*E uma coisa que eu costumo fazer nas minhas disciplinas é trabalhar no primeiro momento os clássicos, então, pessoa e corporalidade o que os clássicos escreveram sobre isso, então eu vou lá em: Mauss, Durkheim, Lévy Bruhl, Maurice Leenhardt, e aí chega no Dumond que vai trabalhar individualismo. E aí vem vindo até chegar nas teorias contemporâneas, que é onde vem a teoria feminista, a teoria pós-colonial, decolonial. Eu acho muito importante que os alunos das sociais já tenham um contato com essas teorias no começo do curso, para entender, e conseguir fazer essa leitura mais crítica dos clássicos. Que eu chamei de “leitura contra-pelo”. Eu gosto muito de trabalhar os clássicos, mas eu acho sempre importante conseguir transcender as escolas.*

As professoras procuraram trabalhar desta forma, para trazer os alunos mais próximos das pesquisas, sempre com essa perspectiva de conseguir reduzir, diminuir a distância entre ensino e pesquisa.

*Eu sempre considerei a sala de aula um momento de produção de conhecimento, ainda mais como um momento de transmissão. É um momento de transmissão importante, e eu tenho muito evidente para mim qual é meu papel como professora. Eu sei disso, eu sempre preparei aulas, sempre dei aulas expositivas, sempre expliquei muito, eu gosto muito disso, mas também é preciso um momento em que eles pensem, eles consigam elaborar.*

Como Maluf (2016) traz, “a graduação faz o mundo bater à porta do trabalho acadêmico, particularmente da docência, obrigando-o a se renovar e a se repensar constantemente” (p.33).

### **C) A VIDA NA UNIVERSIDADE: DEPARTAMENTOS**

As professoras, em sua grande maioria, também falaram sobre a separação dos departamentos de Antropologia e Sociologia e Ciência Política, que estavam

inicialmente juntos no departamento de Ciências Sociais. Um dos principais pontos dessa separação, segundo Sílvio Coelho dos Santos (2006), foi após a criação da pós-graduação. Primeiramente na criação do mestrado, cuja proposta foi “Apoiada pelo Colegiado do Departamento, a proposta foi aprovada pelo Conselho de Ensino e Pesquisa em 6/12/1977. A seguir, através da Portaria 002/78, o reitor Caspar Erich Stemmer criou o Curso de Mestrado em Ciências Sociais, com as opções em Sociologia e em Antropologia” (p.58).

Uma das entrevistadas conta em seu memorial de professora titular que foi aluna de mestrado neste período “Quando ingressei no mestrado, o Programa de Pós Graduação ainda era em Ciências Sociais, com Área de Concentração em Antropologia e a duração era de quatro anos” (MALUF, 2016, p.16-17).

Foi através deste mestrado em Ciências Sociais que surgiu o “*divórcio*” - como uma professora se expressou. Este ocorreu por partes, primeiramente foi o mestrado, e depois o departamento por completo. Ainda segundo Santos, “desde os meados dos anos 1980, foi ficando claro que as duas áreas que integravam o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais caminhavam para a separação” (2006, p.63). E foi em 1996, que criaram o Departamento de Antropologia, e o doutorado em Antropologia Social no ano de 1998.

Alguns relatos das professoras falam sobre este período de desmembramento do departamento:

*Eu me lembro assim, de que já havia um sentimento de que era muito importante a gente se separar, porque a nossa própria identidade enquanto um curso de antropologia mesmo. E a gente se sentia meio secundarizado em ciências sociais. A gente foi sentindo isso. Era isso, então para mim quando surgiu foi bom.*

*Como que a antropologia ficava deslocada em termos de, o pessoal da antropologia ficava mais deslocado em termos de dinheiro, de projetos, esse era o nosso argumento. Como que se queria mais uma autonomia, então essa que foi um pouco a vivência. E o grupo, quando se criou, era um grupo reduzido, de 15 professores para todas as atividades.*

Na maioria dos relatos das professoras, os docentes antropólogos se sentiam desvalorizados, não tinham poder nas opiniões dentro do departamento de Ciências Sociais, e havia muitas brigas entre antropólogos e sociólogos, mas quando houve a separação outros problemas surgiram. Uma professora teve uma fala muito significativa sobre isso:

*[...] é interessante isso porque quando você tem um inimigo comum, vamos dizer assim, estou usando uma imagem, não é inimigo. Mas você se une. E então o que eu senti foi uma fragmentação maior interior, na antropologia. Isso eu senti como decorrência desse processo de construção mesmo, de um nós. Eu nem sei se a gente conseguiu também isso.*

Ela tenta expressar que eles achavam que quem dificultava as coisas eram os professores sociólogos, e quando criaram o Departamento de Antropologia, viram que o problema também estava dentro do grupo dos antropólogos. O

professor Silvio Coelho dos Santos, segundo uma professora, tentou alertar sobre esse ponto:

*Era uma sensação naquela época que a gente era muito pouco, e sociologia era quase o dobro de professores. Se formos um departamento vamos ter mais independência, etc, etc. O que resultou, foi uma coisa que Silvio Coelho dos Santos falou: “olha agora vocês tem os sociólogos como seus inimigos, mas você é capaz uma vez que se separar, começar conflitos dentro, vão aumentar”. E aconteceu, é que não tinham mais os sociólogos para culpar as coisas. Então ficou muito conflito dentro do departamento, demais.*

Uma professora contou que as brigas começaram a ser frequentes por conta de disputas que visavam posição, poder, espaço dentro da universidade.

*Muitos embates, muitas vaidades, sabe. Na época que era o departamento de Ciências sociais, o embate era saudável, porque daí era uma briga entre sociologia e antropologia por espaço, e por contratação de professores, que era uma coisa importante então, aí sim. Mas depois que ficou só antropologia, e o mesmo colegiado da pós-graduação, apesar de sermos relativamente poucas pessoas na época, éramos 14, se eu não estou enganada. Sempre havia uma coisa assim, que não deslanchou, o que foi uma pena.*

#### **D) SER MULHER NA UNIVERSIDADE**

Como nos fala Silvio Coelho dos Santos (2006), com a criação da pós-graduação, foram contratados professores visitantes na área da antropologia. E uma das entrevistadas nos contou sobre essa experiência que teve quando chegou na UFSC:

*Me acolheram academicamente. Impressionante. [...] me queriam, isso foi muito óbvio. Mas, socialmente foi mais complicado, mas era porque era uma cidade mais provincial, eram pessoas centradas em suas famílias. Então uma pessoa que vem de fora não é, era, para uma cidade provincial. Então, eu acho que não foi que não me acolheram. Mas socialmente foi muito difícil no início.*

E também tinha uma ligação com a questão de gênero, pois as mulheres não tinham muito “poder”, elas tentavam unir suas forças fora do espaço acadêmico. A política das mulheres eram feitas fora dos espaços das reuniões do departamento, eram em espaços onde havia mulheres juntas, como em festas.

*Sempre senti isso em uma relação que era mais subjetiva. Mais do grupo onde as mulheres estão presentes, uma reunião mais micro, uma banca, um papo em uma festa, entende. Eram coisas mais da cozinha, não uma coisa que apareça, assim de decisões. Que as mulheres falam, e falam forte.*



Foto retirada de redes sociais da Professora Miriam Grossi

Essa foto contém algumas das docentes aposentadas das áreas de Ciências Sociais e Antropologia, tirada em 2017. A imagem expressa um pouco sobre o local de encontro que tinham as professoras, onde conversavam sobre diversos assuntos, para poderem ser escutadas por suas companheiras. Pois dentro do Departamento, eram marginalizadas, pelos professores que continham maior poder.

Segundo uma professora, os homens tinham poder apenas por serem homens. Muitas vezes os seus trabalhos eram melhores, no entanto, por ser mulher, não eram valorizados. Não encontravam uma igualdade, como a que é trazida por Tânia Salem “o valor da igualdade não postula que homem e mulher sejam substancialmente iguais. Ele postula, antes, uma indistinção valorativa de seus atributos, bem como de seus respectivos domínios” (1989, p.3).

A entrevistada Sônia Maluf analisa a questão mostrando que é uma questão estrutural na vida acadêmica:

*O que é que eu observei não só a mim pessoalmente. Eu observei, senti na pele junto com colegas, aquilo que a gente sabe que para a gente ser reconhecido na universidade e no trabalho acadêmico. A gente precisa fazer o dobro. Então colegas que recebiam determinadas bolsas que a gente não recebia... Não estou falando de departamento, estou falando no sentido geral do Brasil. Que eram homens, um homem que era reconhecido academicamente só porque é homem, porque ele está ali fazendo as mesmas coisas que você, produz até menos que você, tem menos impacto que produz.*

Várias delas contaram que tinham sempre que estar envolvidas com pesquisas, congressos, núcleos, para conseguirem ser vistas, e reconhecidas fora da UFSC, para poder sair da “periferia”. Uma fala: “*eu sempre tive tanto trabalho, tanto trabalho que não dava nem para pensar*”.

## **E) A PESQUISA NA UNIVERSIDADE**

As professoras da antropologia da UFSC fizeram grandes contribuições para os campos de pesquisas e estudos antropológicos, criando diversos núcleos de pesquisa. Tomemos como exemplos o NAUI<sup>8</sup> (Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural) e o TRANSES<sup>9</sup> (Núcleo de antropologia do contemporâneo).

O NAUI segundo Alicia Castells (2017) em seu memorial de titular, surgiu através de um convite para se realizar uma pesquisa de certa complexidade em favelas de Florianópolis. No entanto, para este trabalho era necessário uma equipe, e assim, surgiu a ideia de criar um Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, que recebeu a sigla NAUI.

Já o Núcleo TRANSES (Núcleo de Antropologia do contemporâneo), teve uma outra história para sua formação, começando como um núcleo de Antropologia da Religião, segundo Sônia Maluf em seu memorial:

Formado em 2000 como Núcleo de Antropologia da Religião, juntamente com a colega Maria Amélia Dickie, com a ampliação das linhas de pesquisa e áreas de interesse, decidimos, eu e o colega Alberto Groisman, subcoordenador do núcleo, rebatizá-lo, buscando abranger o conjunto de pesquisas que realizávamos e que iam além da antropologia da religião. A ideia de uma Antropologia do Contemporâneo, como o enorme guarda-chuva que abriga os trabalhos desenvolvidos, busca sintetizar vários aspectos comuns a essas pesquisas: a abordagem antropológica de questões prementes da atualidade e do tempo presente (MALUF, 2016, p.44)

Também tivemos, com influência de docentes antropólogas, a criação de um instituto Nacional de Ciência e Tecnologia, o “INCT Brasil Plural, criado em 2009, que se constitui em um abrangente programa de pesquisas em rede com o projeto de realizar pesquisas antropológicas de alto impacto social” (MALUF, 2016, p.44-45). No Instituto Brasil Plural (IBP)<sup>10</sup> as principais linhas de pesquisa são: saúde; práticas locais, experiências e políticas públicas; Cidadania e direitos; Patrimônio, cultura e arte; Saberes, políticas e socialidades em comunidades tradicionais.

Essas professoras pioneiras da área de antropologia na UFSC contribuíram para o surgimento do Departamento de Antropologia e também para o crescimento deste, com criação de núcleos, institutos, pesquisas, modelos de ensino, criação de disciplinas que tiveram importantes benefícios para a antropologia e também a inovação na forma de transmitir o conhecimento para os estudantes.

## **F) A INFLUÊNCIA FAMILIAR SOBRE UMA ANTROPÓLOGA**

Das 6 professoras entrevistadas, apenas uma teve graduação em antropologia. As outras 5 se formaram em arquitetura e urbanismo, comunicação, direito e duas em história. Apesar de não terem sido formadas diretamente na área

---

<sup>8</sup> Link de acesso para entrar na página do NAUI: [NAUI – Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://naui.ufsc.br)

<sup>9</sup> Link de acesso para entrar na página do TRANSES: [Núcleo de Antropologia do Contemporâneo – PPGAS \(ufsc.br\)](http://nucleo.ufsc.br)

<sup>10</sup> Link para entrar na página do IBP: [INCT BRASIL PLURAL \(ufsc.br\)](http://inct-brasil-plural.ufsc.br)

de antropologia, a antropologia quando passou em suas vidas a tocaram, e chamaram sua atenção.

Uma professora nos contou que foi influenciada ainda criança pelas histórias contadas pela sua avó, sobre seu bisavô, e também os materiais que ele tinha reunido, segundo ela:

*Fomos criados com coisas indígenas, que ele tinha colecionado, ele foi um artista da fronteira.*

Seu bisavô teve um grande impacto na localidade onde morava, pois colonizou e teve contato com os povos nativos da região, e as histórias que eram contadas a ela quando criança mexiam muito com sua curiosidade e sua inquietação. Essa inquietude também foi abalada pelo divórcio de seus pais, pois naquele período uma mulher divorciada não era bem vista. Ela nos relata:

*E aí eu acho também a questão do divórcio. Naquela época foi uma coisa muito diferente, não podíamos falar, então eu sempre penso que um antropólogo... Você começa a entender que o mundo não é como as pessoas dizem que deve ser, ou é. Recebemos muito sobre como o mundo é, mas ele não é assim não. Então, eu acho que isso foi importante.*

## **G) INFLUÊNCIAS DA GRADUAÇÃO E DE ESTÁGIO NO MUSEU DE ANTROPOLOGIA DA UFSC**

Além de motivações do espaço familiar, a grande maioria das professoras nos mostrou que essa excitação pelo campo antropológico veio em tempos de graduação, quando tinham matérias da antropologia e conheciam a pesquisa de campo. Uma nos contou que foi na sua graduação de história na UFSC, que se interessou pela antropologia. E quando terminou os estudos, foi convidada para fazer estágio no Museu de Antropologia da UFSC, que segundo ela auxiliou-a no aperfeiçoamento em diversas áreas de abordagem da antropologia.

Outra professora também nos falou sobre seu estágio no Museu de Antropologia. No entanto, sua chegada até ele foi um pouco mais longa. Ela conheceu a antropologia através de seu trabalho durante a sua graduação em direito. Depois ela trabalhou em uma instituição que mexia com programas de intercâmbio para estudantes secundários na época. Ela explica:

*E eu fui trabalhar no escritório central deles, porque eu já tinha ido como bolsista nos Estados Unidos, já tinha toda uma familiaridade com o processo. E trabalhei lá três anos. E me chamou muito a atenção uma coisa, que inclusive a gente tinha acesso a literatura da Margaret Mead sobre adolescentes, e me chamou muito a atenção a perspectiva antropológica, e as curiosidades que me nasceram nesse contato com pessoas tão diferentes tendo que se adaptar às situações novas, às vezes muito difíceis.*

Então ela nos contou que como a área do direito não a agradava, ela pensou que a antropologia ia ser a resposta para os seus desconfortos reais sobre a vida e o mundo. Ela se formou em Direito, no ano de 1971, e foi até o Museu Nacional ver

como funcionava a entrada na instituição. No entanto, ela notou que deveria ter uma base na área da antropologia e resolveu voltar para o Rio Grande do Sul para se especializar nesse campo, para então chegar ao mestrado e ao doutorado, não necessariamente no Museu Nacional, mas segundo ela “*calhou de ser*”. Com esta volta para a UFRGS, ela ficou sabendo sobre a existência do estágio no Museu de Antropologia da UFSC, e acabou ficando durante dois anos nesta experiência.

## H) INFLUÊNCIA CONJUGAL

Uma outra forma de chegar no mundo antropológico se deu pela conjugalidade. Duas professoras nos contaram que chegaram até Florianópolis acompanhando os esposos. A primeira foi por conta da transferência de trabalho dele, e a outra que, por conta da ditadura militar de seu país, ela e seu marido tiveram de se exilar e vieram para o Brasil.

Elas falaram que chegando em Florianópolis, resolveram se especializar em áreas, para acharem empregos diferentes dos que vinham trabalhando, pois, não estavam felizes. Uma nos contou que teve contato por acaso com pessoas da universidade, onde resolveu ingressar no curso:

*E então com a X , eu comecei a fazer esse curso de atualização em ciências sociais que davam as professoras A e B. Eu disse “ah estou fazendo só para sentir”, e a X me falou mas [...] porque não faz a prova, e entra para fazer o mestrado. E aí entrei, e depois não quis sair nunca mais.*

Quase todas as professoras entraram na UFSC, primeiramente como discentes - mais especificamente durante especialização ou mestrado - e ao decorrer do tempo que estavam dentro da instituição começaram a abrir concursos, fizeram e acabaram passando e então se tornaram docentes, pois naquele período “ainda se faziam concursos sem exigência de mestrado e doutorado” (MALUF, 2016, p.30), para entrar como professores, apenas era exigido a graduação ou especialização na área.

Duas professoras aposentadas, nos contaram algumas experiências com seus cônjuges. Uma destas, teve uma realidade parecida com a da Esther Jean Langdon (2013), que em seu artigo expõe a questão de gênero daquele período, que segundo ela seu esposo também antropólogo graduado na mesma universidade que ela, apenas por ser “homem”, era mais valorizado nas escolhas das bolsas de pesquisa.

A nossa entrevistada também deu ênfase para algumas dificuldades encontradas naquele período para uma mulher pesquisadora. Como seu companheiro também pesquisava, ambos trabalhavam na mesma área e quando tentavam bolsa na mesma instituição, somente ele na maioria das vezes ganhava. Pois, naquele período somente o homem era valorizado, e ela como era esposa poderia “acompanha-lo”.

*Foi interessante porque acho que meu marido ganhou bolsa na Universidade X com uma carta muito clara, que queremos dar para os dois, mas não podemos, então vamos dar para o homem. A Universidade Y não mandou isso, mas ele ganhou e eu não ganhei. [...] Quando fomos para o, entre o mestrado e o doutorado, meu marido também ganhou a bolsa de National Science Foundation. [...] E era eu que falava espanhol, eu tinha que fazer a tradução todo o tempo para ele. Foram coisas que mais ou menos daquele momento.*

Podemos refletir com outros casos, neste mesmo tópico, outros exemplos quem nos mostra é Mariza Corrêa, no livro “Antropólogas e Antropologia”, quando ela fala sobre importantes pesquisadoras da área da antropologia que não foram reconhecidas, mas somente seus maridos, elas eram vistas apenas como tradutoras, auxiliares. Alguns nomes das então “acompanhantes” são: Dina Lévi-Strauss, esposa de Claude Lévi-Strauss, Helen Pierson, esposa de Donald Pierson, e no Brasil temos Berta Gleizer Ribeiro, esposa de Darcy Ribeiro. As mulheres no século passado “ou elas faziam parte de um time profissional com seus maridos, ou corriam o risco de serem mal vistas pelos pesquisadores locais, em sua maioria homens” (CORRÊA, 2003, p.24), assim como aconteceu com Ruth Landes no Brasil.

Outra questão trazida na nossa pesquisa com as professoras aposentadas sobre a questão da conjugalidade, foi quando a mulher cresce mais que seu marido no âmbito profissional. Uma nos disse que seu esposo era um homem muito à frente de seu tempo, no entanto, sobre esta questão de ela estar em um patamar mais alto profissionalmente, ele fazia ela se sentir um pouco desconfortável, segundo ela:

*Acho que meu marido sempre foi dividido, entre a minha projeção, isso cada vez foi ficando mais claro. Entre a minha projeção e se sentir ameaçado por ela.*

Isso seria uma certa “igualdade”, e a “a igualdade implica uma imputação indiferenciada de valor às identidades” (SALEM, 1989, p.2), e isto entre os cônjuges não era bem vista naquele período. Pois, a norma naquela época era a dominação masculina (Hooks, 2020), a mulher deveria estar mais ligada aos afazeres domésticos, a maternidade, e não, no crescimento no trabalho.

## **I) MATERNIDADE E SUA CARREIRA**

A maternidade<sup>11</sup> para mães docentes, teve vários impactos em suas vidas. Cada professora teve uma experiência diferente, dificuldades e conquistas que marcaram sua trajetória. Uma professora viu a filha como uma âncora.

*Então, o que é difícil e é bom ao mesmo tempo. É que o filho é uma âncora, ele vai dizer assim: se você tem uma reunião do departamento, e que está quebrado o pau, e as pessoas vão entrar até as 8 da noite discutindo. Às cinco e meia, você vai dizer: gente tchau, eu preciso pegar minha filha na escola. Então essa é uma âncora importante também para colocar limites. Vou lá pegar na escola, vou para casa, vou fazer comida.*

Outra entrevistada nos disse, que ela escolheu ser mãe, para não viver centrada somente em si, para aprender ao decorrer da maternidade:

*[...] para aprender, não o amor materno, porque esse eu acho que é um amor um pouco doente. Mas para aprender a cuidar e sabendo que essa pessoa que você está cuidando vai crescer, não têm posse sobre a criança.*

Mas algumas dificuldades também surgiram. Uma professora nos contou que já foi no meio da gravidez essa adversidade, durante seu doutorado, e seu trabalho de campo, acabou tendo dois abortos, e ela relatou que achou interessante o comentário do médico, que era para esperar, fazer a sua pesquisa de campo, para depois tentar de novo. E segundo ela seu casamento ficou abalado, onde ela resolveu ir para a pesquisa.

Uma professora relatou que durante sua segunda gravidez abriu um concurso para professores assistentes. E ela resolveu fazer, estava ainda na maternidade, escrevendo um artigo que ela deveria defender no concurso. Quando saiu do hospital, foi para casa e ficou estudando e trabalhando a noite para terminar os materiais necessários para o concurso. Após 15 dias da sua saída da maternidade, foi dar a aula, e segundo ela um dia antes começou a faltar seu leite, quando terminou a aula do concurso, teve que ir correndo para o banheiro, pois relaxou e seu leite começou a sair novamente.

Para ela foi um período muito difícil pois depois de se tornar professora, teve o seu segundo filho, e não teve licença maternidade, apenas 45 dias, assim como Candice Vidal e Souza nos traz em um de seus trabalhos “Causa espanto à nossa percepção contemporânea de direitos no Brasil o fato de que várias professoras se afastaram por pouco tempo das aulas após terem seus bebês” (2020, p.20).

---

<sup>11</sup> Acabei, durante a participação no GENIGS, lendo capítulos que falam sobre maternidade, e o desejo de ter filhos no Brasil e na França. Que estão no livro “Família, gênero e memória: diálogos interdisciplinares entre França e Brasil”, organizado por Miriam Pillar Grossi, Leandro Castro Oltramari e Vinicius Kauê Ferreira. O primeiro capítulo foi escrito por Flávio Luiz Tarnovski, com o título “Tornar-se pai homossexual na França: a construção social do desejo de ter filhos”, onde mostrar como atualmente se estão contruindo famílias na França entre os homossexuais. Já no capítulo, no qual Claudia Fonseca fala sobre o “Lucro, cuidado e parentesco: a desfiliação de mães de nascimento” que está trabalha com questões em torno da adoção de crianças, mas em algumas ocasiões vista como uma "comercialização" dos menores, ela nos mostra alguns exemplo de mães de nascimento e mães adotivas.

E para algumas professoras quando iam fazer pós-graduações ou pesquisas em outras localidades, tinham que deixar seus filhos com empregadas e seu marido, e naquele período o contato por meio eletrônicos era muito escasso, então elas passavam longos períodos longe de sua família. E seus maridos em difíceis casos ajudavam com a criação dos filhos, e manutenção da casa, e isso dificultou o crescimento acadêmico das mulheres, pois como bell hooks nos mostra, naquele período a “maneira como a sociedade patriarcal automaticamente pressupõe que determinadas tarefas são executadas por mães, quase sempre é mais difícil para as mulheres alcançar equidade de gênero quando têm de cuidar das crianças” (2020, p.121).

A maioria das mães falou que se não tivessem tido ajuda de familiares como suas mães e sogras, de empregadas ou de creches não saberiam se teriam dado conta, pois viajavam com frequência para mestrado, doutorado, congressos, pesquisas e outras atividades. E segundo uma entrevistada a criança requer tempo, atenção e cuidados.

Assim, como enfatizado em um trabalho de Bruna Klopper e Miriam Grossi, “Essas informações deixam claro que a responsabilidade pelo trabalho doméstico e pelos cuidados dos filhos ainda era atribuída à antropóloga, que acumulava, dessa maneira, o trabalho de cientista e professora com aquele realizado em casa, onde contava, provavelmente, com o apoio de empregadas domésticas, algo comum entre as mulheres de sua classe social e geração” (2020, p.31).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa buscamos, antes de mais nada, visibilizar o processo de formação da antropologia em Santa Catarina, através da fala de professoras, que foram um dos agentes principais neste processo. A pesquisa permitiu dar a voz às professoras que estiveram presentes neste campo e que já se encontram aposentadas.

E como Candice Souza (2016) nos mostra, ao se fazer uma história da Antropologia com ênfase em entrevistas, acabamos alcançando outros rumos, para além do que buscamos na pesquisa.

Assim, as narrativas trazidas pelas antropólogas pioneiras neste momento presente nos mostraram como ressignificam o que viveram no passado. Como aborda Rosenthal (2014) “o presente da narração ou escrita biográfica define o olhar retrospectivo sobre o passado e gera um passado recordado específico em cada caso” (p.229). Documentar suas narrativas autoriza ampliar a circulação e transmissão da história da antropologia em Santa Catarina.

Este foi um esforço inicial para visibilizar e desvelar parte de uma história já conhecida da antropologia, mas de um outro ponto, o do olhar feminino. Procuramos contribuir desse modo para a questão mais ampla da própria formação da antropologia brasileira, demonstrando sua heterogeneidade e, sobretudo, a complexidade daquelas antropologias consideradas “provincianas”.

Mas a partir dessas entrevistas, também, podemos perceber como a experiência acadêmica teve um grande impacto na vida pessoal dessas mulheres. Foi uma “Saia Justa” (BONETTI;FLEISCHER, 2007) vivida por essas pioneiras na antropologia.

Iniciando já pelas dificuldades contadas pelas professoras sobre o período da ditadura, a repressão que recebiam por pessoas da instituição, tanto como estudantes e depois passando para professoras, e como resistiram às pressões. Após isso, as adversidades encontradas dentro do então recém criado departamento de Ciências Sociais, e os problemas vivenciados durante o período que a antropologia era uma disciplina de diversos cursos dentro da UFSC.

Com a criação do Departamento de Antropologia, tiveram uma ilusão, que em muitos casos veio acompanhada de um arrependimento por algumas professoras, por conta das constantes desavenças entre os docentes. Mas, essas professoras trabalhadoras também conseguiram amenizar esses pontos negativos, com a inovação na área de ensino e na pesquisa, levando seus alunos a fazer pesquisas de campo, criação de núcleos e de disciplinas optativas, que acabavam instigando muitos os estudantes de antropologia, e também de outras áreas que acabavam buscando pós-graduações na antropologia.

No âmbito familiar, com ênfase na influência dos consanguíneos, da conjugalidade e da maternidade, a questão inicia ainda quando criança em algumas histórias contadas pelas entrevistadas. Depois passa pela escolha da graduação, que na maioria não foi inicialmente na área de antropologia, mas ao decorrer de sua vida acadêmica entraram em contato com os estudos antropológicos, que as tocaram e as puxaram para essa vida antropológica. Após isso, o início da vida de docência na UFSC, mas entrelaçada com a vida familiar, principalmente a conjugalidade e a maternidade.

A maternidade atravessou diversas das decisões da docência, por fazer ou não pesquisa de campo ou participar de congressos e eventos acadêmicos. Mas, nunca vistas como mudanças negativas pelas professoras, os filhos tiveram grande impacto nas suas vidas, considerados positivos por elas.

Mas, alguns relatos também nos fizeram refletir sobre como questões de gênero estão presentes neste universo científico, ou seja, como a produção de conhecimento é “situada” e permeada por relações de poder, muitas vezes invisibilizadas nos discursos hegemônicos que legitimam instituições, tradições teóricas e indivíduos no interior de um campo científico.

Por fim, a pesquisa me trouxe grandes aprendizados como projeto de iniciação científica, sobretudo porque me permitiu a imersão na história do campo antropológico, podendo, assim, entender melhor a Antropologia de Santa Catarina e também poder aprofundar um pouco mais nos estudos de gênero e suas intersecções. Assim como Miriam Goldenberg (2004) nos mostra, a pesquisa deve ser compreendida como uma oportunidade única para fazer alguns exercícios que servirão para a vida toda.

Também destaco a importância da formação teórica densa que se adquiriu participando das reuniões do Grupo do GENIGS, coordenado pelas professoras

Alinne Bonetti, Barbara Michele Amorim e Miriam Pillar Grossi. Sem tais aprofundamentos teóricos não teria sido possível a análise desses dados empíricos, já que a Antropologia, como aprendemos com as sujeitas de pesquisa, não pode ser feita sem um entrelaçamento consistente entre dados e teoria.

## REFERÊNCIAS:

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis. Editora Mulheres. 2007.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Luis Roberto. Pesquisa em versus pesquisas com seres humanos. **Antropologia e ética**, Rio de Janeiro: ABA/EdUFF, 2004, pp. 33-44.

CASTELLS, Alicia Norma González de. **MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS**: Concurso para a Promoção à Classe E com denominação de Professora Titular da Carreira do Magistério Superior. Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

COELHO DOS SANTOS, Silvio. A Antropologia em Santa Catarina. In: COELHO DOS SANTOS, Silvio (Org.). **Memória da Antropologia no Sul do Brasil**. Florianópolis: EDUFSC/ABA, 2006, p. 17-77.

CORRÊA, Mariza. **Antropólogas e Antropologia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA (Brasil). Ufsc. **Histórico do departamento**. Disponível em: [Departamento de Antropologia \(ufsc.br\)](http://Departamento de Antropologia (ufsc.br)). Acesso em: 27 jul. 2021.

DIAS, Mônica. A pesquisa tem “mironga”: notas etnográficas sobre o fazer etnográfico. In BONETTI, Alinne e FLEISCHER, Soraya (orgs.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Editora Mulheres. 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. “Identidade de Gênero e Sexualidade.” **Antropologia em Primeira Mão**. Florianópolis, p. 1-18, 1998.

GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra. MULHERES NA CIÊNCIA / GÊNERO E CIÊNCIA:: construção de um campo ou de dois campos de pesquisa?. In: GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra (org.). **Teoria feminista e produção de conhecimento situado [recurso eletrônico on-line]**: ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha; Salvador (BA): Devires, 2020. p. 1-6.

GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra (org.). **Teoria feminista e produção de conhecimento situado [recurso eletrônico on-line]**: ciências

humanas, biológicas, exatas e engenharias. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha; Salvador (BA): Devires, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Editora Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro, 12ª ed., 2020.

KLOPPER, Bruna; GROSSI, Miriam Pillar. Um olhar de gênero sobre a história das mulheres na antropologia brasileira: Ruth Cardoso e Eunice Durham. In: GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra (org.). **Teoria feminista e produção de conhecimento situado [recurso eletrônico on-line]**: ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha; Salvador (BA): Devires, 2020, p.29-40.

LANGDON, Esther Jean. **Medio siglo de investigaciones de campo**: reflexión autobiográfica sobre las contribuciones de la perspectiva de género. Bogotá, Universidad Nacional de Colombia; vol. 27, nº 1, 2013. p. 215-240.

LIMA, Roberto Kant de. Éticas e identidades profissionais em uma perspectiva comparada. In VÍCTORA, Ceres; OLIVEN, Ruben George; MACIEL, Maria Eunice e ORO, Ari Pedro (orgs.). **Antropologia e Ética**. O debate atual no Brasil. Niterói: EdUFF, 2004.

MALUF, Sônia Weidner. **MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS (MMA) PARA AVALIAÇÃO COM FINALIDADE DE PROGRESSÃO PARA CLASSE “E” DO MAGISTÉRIO SUPERIOR (TITULAR DE CARREIRA)**. 2016.

OLIVEIRA, Amurabi. A Formação de Professores na Universidade Federal de Santa Catarina: uma análise de suas transformações curriculares no tempo. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 49, n. 3, nov. 2018/fev. 2019, p. 429–453

OLIVEIRA, Amurabi. NEUSA GUSMÃO E SUA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DE ANTROPOLOGIA NO BRASIL. **Novos debates**. 2021.

OLIVEIRA, Amurabi. O ensino de ciências sociais na Faculdade Catarinense de Filosofia. **Ciências Sociais UNISINOS**, v. 54, n. 1, p. 117-125, 2018.

ROSENTHAL, Gabriele . História de vida vivenciada e história de vida narrada: a interrelação entre experiência, recordar e narrar. **Civitas**, vol. 14, no 2, 2014. p. 227-249.

SALEM, Tania. O casal igualitário - princípios e impasses. **Rev. bras. Ci. Soc.** v.3 n.9 Rio de Janeiro fev. 1989. Disponível em <[http://anpocs.com/images/stories/RBCS/09/rbcs09\\_03.pdf](http://anpocs.com/images/stories/RBCS/09/rbcs09_03.pdf)>. Acesso em 09 de jun 2021.

SCHWADE, Elisete. “Poder do sujeito, poder do objeto”: relato de uma experiência de pesquisa em um assentamento de trabalhadores rurais”. In: GROSSI, Miriam,

SCHWADE, Elisete, MELLO, Anahi, e SALA, Arianna . **Trabalho de campo, ética e subjetividade**. Editora Copiart e Editora Tribo da Ilha, Florianópolis, 2018 (p.29-37).

SOUZA, Candice Vidal e. Ensinar antropologia em outros tempos: as mulheres e as configurações do mundo acadêmico. In: GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra (org.). **Teoria feminista e produção de conhecimento situado [recurso eletrônico on-line]**: ciências humanas, biológicas, exatas e engenharias. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha; Salvador (BA): Devires, 2020, p.9-28.

SOUZA, Candice Vidal e. Professoras de Antropologia em Minas Gerais: notas sobre a condição da margem. **Estudos Feministas**, Florianópolis, maio-agosto/2016.

VÍCTORA, C. G.; HASSEN, M. de N. A.; KNAUTH, D. R. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. [s. l.]: Tomo Editorial, 2000.